

BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1905

N.º 146

Marques Loureiro



(Photog. Guedes — Porto).

Monumento simples e tocante ao falecido Marques Loureiro, erigido no Jardim da Cordoaria, no Porto, e executado pelo talentoso escultor Teixeira Lopes

Artilharia n.º 1

No intuito de dar, em resumo, a historia de todo o exercito portuguez, começou o *Brasil-Portugal*, ha poucos mezes a publicar notas de organisação de alguns regimentos, bem como aspectos dos respectivos quartéis, e grupos dos officiaes actuaes. Mercê da amabilidade dos commandantes d'esses corpos, que lhe têm fornecido elementos, soube sair-se bem da empreza, que mal começou. A Revista aproveita o ensejo para agradecer aos seus collaboradores militares, e dá hoje logar ao regimento de artilharia 1, o antigo *Regimento de Artilharia da Côrte*.

Data a sua organisação de 9 de abril de 1762, incorporando-se n'elle varios elementos dispersos, entre os quaes o *troço de artilharia da armada*, que fôra creado em 1677 por D. Pedro II. A sua primeira séde foi S. Julião da Barra. Na sua origem contava 2 batalhões de 12 companhias, a 60 homens cada uma, ou sejam 1.440. O seu primeiro commandante foi Frederico Jacob de Weinholtz, do ducado de Holstein.

O regimento era destinado a guarnecer náus principalmente. Com a reforma do exercito, no anno seguinte, pelo conde de Lippe, um dos batalhões passou a constituir o 2.º regimento da armada, e o outro foi transformado em regimento de artilharia, com o effectivo de 720 homens.

São grandes as tradições de valentia do regimento, que sempre fraccionado e espalhado por navios de guerra, muitas vezes entrou em combate com os corsarios e nas colonias. Em 1774 foi uma grande parte do regimento para o Rio Grande que então nos era disputado pelos hespanhoes.

Em 1782 destacou outra força para Cabinda, a fim de erigir um forte e combater os pretos que assolavam a região. Dois annos depois uma parte do regimento (257 homens) incorporaram-se á expedição maritima que o governo portuguez, o napolitano, hespanhol e maltez accordaram enviar contra Argel. Os artilheiros portuguezes obraram prodigios de valor, e de tanta gloria se cobriram que os officiaes foram promovidos ao posto immediato, e os furriels, sargentos e cadetes receberam os galões de 2.º tenentes (1). Em 1793 parte do regimento foi incorporado na expedição militar que Portugal enviou a Hespanha, então em guerra com a França.

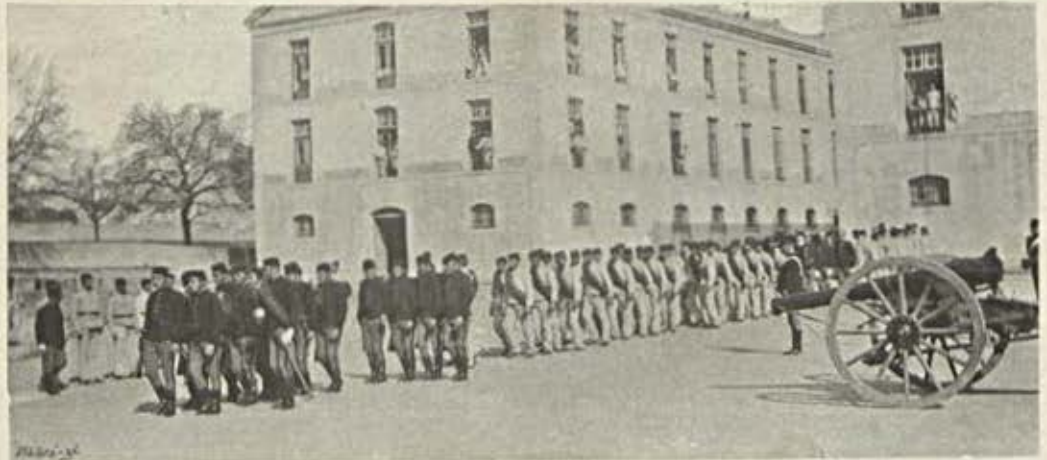
Em 1801, por occasião da desastrosa campanha, o regimento partiu para Abrantes para se juntar ao exercito do Alemtejo, divi-

dindo-se ahi por varios parques, baterias, etc. Em 1806 passou a fazer parte da divisão do centro, sendo o seu nome antigo substituido pelo de *regimento de artilharia n.º 1*.

E' difficil seguir passo a passo a vida do regimento, que constantemente era fragmentado em pequenos destacamentos para attender a serviços variados e em pontos distantes uns dos outros. No começo da guerra peninsular o regimento aquartellou-se na Cruz dos Quatro Caminhos. Com parte do seu pessoal formaram-se então 4 baterias de artilharia volante que entraram na campanha, e uma brigada de montanha que esteve na batalha do Bussaco, na de Mortagua, e mais tarde nas de Nive, e Tolosa, commandada pelo capitão Costa e Silva, depois visconde de Ovar, commandante geral de artilharia e ministro da guerra.

Além das brigadas volantes fornecidas pelo regimento, havia espalhados pela provincia contingentes importantes, cujos serviços difficil seria enumerar n'esta curta resenha. Em Abrantes havia, em 1810, 210 homens; em Mafra, em 1811, 200 homens. Durante essa longa lucta os louvores nas ordens do dia põem bem em relevo o valor e os serviços do regimento.

Em 1812 os regimentos de artilharia soffreram uma reforma radical, modificando por completo a organisação do conde de Lippe.



Na parada, em marcha para render a guarda

Em 1814 nova reorganisação do exercito marcou aos regimentos 10 companhias com o effectivo de 832 homens.

Artilharia 1 concorreu com contingentes para as varias expedições á America, taes como a da campanha de Montevideo e a do Brasil contra os separatistas. Na expedição a Moçambique em 1824 ia um destacamento de artilharia 1.

Atuada a guerra civil, o regimento seguiu o partido de D. Miguel, voltando então a tomar o seu nome primitivo de regimento de artilharia da côrte.

São da *Revista do Exercito e da Armada* as seguintes linhas que transcrevemos de uma interessante noticia historica, firmada pelos srs. Maximiliano d'Azevedo e Teixeira Botelho, illustres officiaes de artilharia:

* As perseguições politicas, symptoma sempre evidente de irremediavel decadencia, não faltavam. Quem desse mostras de não ser affecto ao governo de D. Miguel, era julgado em conselho de guerra e inevitavelmente condemnado a severa pena.

Ao mesmo tempo, como consequencia natural d'esta desordem, os brios marciaes e a instrução declinavam sensivelmente. O forçamento da barra do Tejo pela esquadra do almirante Rousin, em julho de 1831, é uma pagina negra na historia do regimento que tanto enaltecera as suas tradições em Badajoz, Ciudad Rodrigo, Victoria e outros logares, onde as armas portuguezas, alliadas das britannicas, colheram os mais vicejantes louros da guerra peninsular.

Passou-se assim esse triste testemunho da nossa decadencia. Ao meio dia de 11 de julho de 1831, a esquadra franceza, composta de 6 naus, 3 fragatas, 2 corvetas e 2 brigues, fundeada na bahia de Cascaes, começou a levantar ferro e aпроу a barra do Tejo, que alcançou pelas duas



Exercício de fogo. — Ractificando a pontaria

Artilharia n.º 1 — Grupo de officiaes



Da esquerda para a direita, 1.º plano: — Capitão Pectuci. — Capitão Soares Branco. — Capitão Falcão dos Santos. — Major Avila da Graça. — Tenente Campers. — Coronel Gomes da Costa, commandante do regimento. — Capitão Parreira. — Tenente-Coronel Rocha. — Capitão almoxarife Lourenço. — Major Pereira da Silva. — Capitão Nazareth. — Capitão Mendes. — Capitão Carvalho da Silva. — Capitão Vasconcellos.

2.º plano: — Capitão Pessoa. — Tenente Garcia. — Tenente Vallejo Marques. — Alferes picador Correia. — Tenente Hamilcar Pinto. — Tenente medico Figueira. — Tenente veterinario Barros. — Tenente da administração militar Cortez. — Tenente Froes. — Tenente Cruz. — Tenente Villa Lobos. — Alferes Senna. — Tenente Choque. — Tenente Mimoso. — Alferes Nogueira. — Alferes Barros.



Durante a instrução dos recrutas. — Descanço geral

da tarde, indo na frente a nau chefe seguida das restantes embarcações em linha, que os dois bragues comboiavam. A esse tempo, já o destacamento do regimento que, sob o commando do capitão Antonio Nicolau de Moura Stockler, estava na torre de S. Julião, guarnecera a sua artilharia e rompera o fogo sobre a esquadra, que não tardou a responder, disparando cada embarcação uma banda á medida que as diferentes baterias da fortaleza se lhe deparavam. De S. Julião fizeram-lhe 137 tiros; d'outros fortes, Tejo acima, igualmente guarnecidos por destacamentos do mesmo corpo, tambem a artilharia não ficou inactiva, mas os soldados do antigo regimento de marinha, os famosos artilheiros da guerra de seis annos, ainda então na memoria de todos, não causaram com os seus tiros o menor damno na frota inimiga que lá foi, em singradura triumphal, aprisionar em frente de Lisboa os nossos navios de guerra, que não ousaram resistir.

A pouco e pouco foi-se desmoralizando e desfazendo o regimento, que a victoria das tropas liberaes acabou de desorganizar de todo; e o decreto que o extinguiu (2), veio apenas legalisar um facto consummado, pois d'elle já nada restava realmente.

Tal foi o fim do velho regimento que partilhara por muitos annos os reveses e a fortuna da marinha e que na guerra da Peninsula, refeito por mão vigorosa, tantos e tão valiosos serviços prestou, evidenciando mais uma vez que, sempre que á frente do exercito esteve a intelligencia e a tenacidade na execução dos planos, o soldado portuguez correspondeu plenamente ao que d'elle se exigia.

(1) Recommendamos ao leitor uma curiosa miniatura das lanças canhoneiras empregadas n'essa expedição, e que existe no Museu da Escola Naval.

(2) Este decreto é de 18 de julho de 1834 e foi publicado na ordem do dia n.º 236 de 11 d'agosto seguinte. N'elle se determinou que os novos regimentos n.ºs 1 e 2 fossem formados dos batalhões d'artilharia n.ºs 1, 2 e 3, então existentes no exercito de D. Pedro. Erra, pois, quem suppozzer que o velho regimento extinto, objecto do nosso estudo, serviu de casco ao novo regimento n.º 1, d'onde provém o actual.

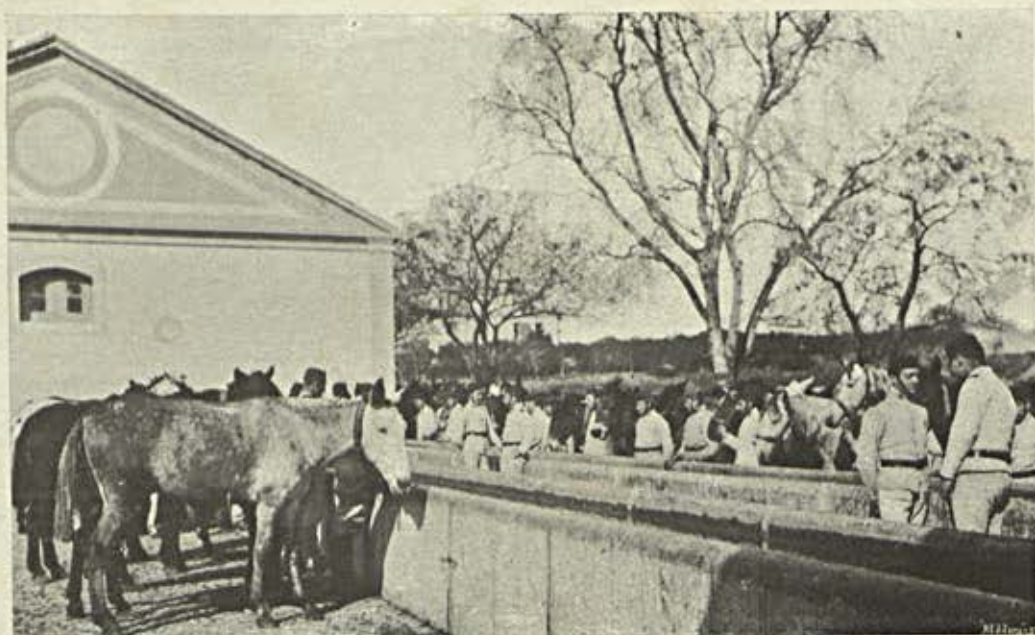


Instrução de recrutas. — Transportando apparatus das muares para a arrecadação

Chronica

Dois grandes descobertas se fizeram esta quinzena — a da sepultura do alfagema de Santarem a que o espirito de Garrett deu relevo n'uma das suas obras theatraes, e a votação dos republicanos em Lisboa, a que a preguiça eleitoral dos partidos conservadores vem de ha muito dando realce. Será bem a sepultura do celebre ferreiro e revolucionario, a que se encontrou agora n'umas excavações feitas no Carmo, e será bem a traducção da vontade popular o que saiu ha dias da urna nas freguezias da capital?

Dois pontos de interrogação que carecem de ter resposta. Para explicar a primeira vae resuscitar-se uma lenda: porque razão não se evocará outra para documentar a segunda? Seja como for o que é discutivel é que a votação republicana por maior que possa ser, representa o sentir da nação. Não se afflijam os monarchicos, nem se entusiasmem os radicaes, porque essa votação por mais nitida que ella traduzisse a vontade popular, fica muito áquem do que era preciso para abalar um throno, mui, especialmente quando elle representa tradições gloriosas, presas á historia do nosso passado e á prosperidade do nosso futuro.



Ração d'agua ás muares

O crescer lento, mas firme, do numero de eleitores republicanos representa apenas o desleixo com que em Portugal se tratam as questões mais serias. O serviço do recenseamento é uma perfeita lastima, comprovada e incontestavel. Não ha muitos annos a chronica teve de mudar de casa, uma coisa vulgar sobretudo na vida de Lisboa onde a maior parte da gente não pensa senão andar com a mobilia ás costas. Outros e infelizmente mais serios foram os motivos d'esse *déménagement*

dentro do mesmo bairro mas em freguezias diferentes. Não tardou a apparecer o nome do chronista collectado com a devida contribuição pela renda da casa nova, mas o que não appareceu até agora, e já lá vão quatro annos foi esse mesmo nome no recenseamento politico. Desappareceu da antiga freguezia, mãos deitaram-o ao cesto dos papeis como coisa inutil e não o incluíram na nova. A chronica, alfacinha da gema, não pensou n'isso e quando quiz fazer uso de um direito que adquiriu pela idade, pela posição social, e ainda mais pela contribuição que paga, debalde procurou em varias freguezias o seu nome, sem o encontrar. Em compensação encontrou outro que nem morava na freguezia, nem decima pagava.

Muitos outros exemplos se poderiam apontar, como o d'esse illustre estadista, antigo ministro, conselheiro de Estado effectivo que sendo funcionario publico, tendo banca de advogado, e residindo em Lisboa, não está recenseado nem pela sua repartição, nem pelo seu escriptorio, nem pela sua casa.

Em compensação o partido republicano não conta o mais obscuro adepto que não figure no recenseamento, muitas vezes até sem ter idade, nem categoria, nem qualquer condição legal. O recrutamento feito no ultimo anno foi dos maiores e dos mais valiosos e conta-se até que desejando o partido republicano fazer recensear varios cidadãos, o que sempre dá uma certa despeza, se aproveitára do offercimento generoso de um partido embrião que anda formando as suas hostes, para cumprir todas as disposições legais. Ignoramos se a historia é verídica. Em todo o caso ha a registar um facto curioso, e é que, tendo o chefe d'esse novo grupo declarado haver recenseado dois mil cidadãos, foi exactamente esse numero que augmentou agora a votação republicana em Lisboa.

Affigura-se-nos um erro a exclusão propositada de deputados republicanos no parlamento. E esse erro, nos ultimos tempos, partiu — manda a verdade confessal-o — do proprio chefe do grupo que tem agora a amabilidade de fazer incluir no recenseamento mais dois mil eleitores. Até então, e ha muitos annos, vinham á camara um, dois ou tres republicanos, e a monarchia nunca se sentiu ferida nem com os ataques que esses senhores lhe fizeram, nem com o effecto produzido no paiz pelos discursos que elles pronunciaram. E coisa interessante: nunca o partido republicano esteve mais fraco, do que quando estava representado no parlamento.

A politica é um sport no qual, como succede em todos os sports, uns entram por posição e outros por interesse. Ha muita gente que se entusiasma com as corridas de cavallos, mas ha tambem muita gente que as adora e as cultiva como um simples jogo de azar. Aposta-se no *jokey* azul e branco como se aposta no 17 á roleta, aos pequenos na banca franceza, no valete ao monte. O mesmo succede com os exercicios nauticos, com o *foot ball*, com a equitação, a caça ás perdizes e a caça aos eleitores. Emquanto, dentro da sala do parlamento, os campos politicos se extremam, e os radicaes berram contra a pessima administração publica, cá fóra os revolucionarios seguem com interesse os debates, limitando-se a apertar-nos a mão no Chiado, a bloquear pelas mezas do Martinho e a fazer ditos na Havaneza, revolucionarios boas pessoas, e delicados que andam de chapéu alto muito mais lustroso do que o nosso, tem bella sobrecasaca preta, frequentam S. Carlos e nunca se esquecem de fazer chacota dos pobres correlegionarios que se esfregam na demolição dos costumes sociaes e politicos que elles nunca chegam a demolir. Se tem talento e fundo scientifico ou litterario são bons oradores, como o foram Consiglieri Pedroso por exemplo: se conhecem as questões de administração e se tem experiencia da vida e dos cursos, são oradores serios mas finos como Elias Garcia: se levam apenas para o parlamento os pontos do seu credo, são apenas simples palradores como o tem sido o maior parte d'elles.

A atmosfera parlamentar é diversa de todas as outras. A propria rhetorica para fazer effecto, precisa de ser artistica, de se impôr pela fórma. E esta, coitadinha, anda muito depreciada, quer nas palavras quer nas coisas. O arredondar das phrases passou a ser uma inutilidade como o das formulas, e d'ahi o pouco ou nenhum caso que já hoje se liga ao que se diz e ao que se faz...

Não é por certo a presença de dois ou tres republicanos no parlamento que affecta o regimen. Muito peor do que os discursos d'esses oradores, lhe fazem por certo os artigos licenciosos da conferencia, os ataques injustos e violentos dos jornaes que circulam de mão em mão, e são avidamente procurados por todos, gregos e troyanos, que não pensam nem sequer em distinguir o que ha de verdade e de exagerado n'esses ataques. No parlamento respondem-lhes, e por vezes com aspereza.

Trava-se discussão, e d'ella, se não sae a luz, como se diz na phrase rhetorica, mostra-se muitas vezes a verdade. Em todo o caso ha combate, ouvem-se as partes no processo, e o publico pôde fazer o seu juizo. Alem do que palavras leva-as o vento... até mesmo ao Diario das sessões.

Nos artigos de jornaes não succede o mesmo. Quem os lê, a maior parte das vezes, não vae procurar os outros, e d'ahi muitas vezes o fazer-se juizo errado de muitas coisas e de muitas pessoas.

Voltando, porém, das divagações a que se entregou, a chronica tem a accentuar aqui qual deve ser, no seu entender, o procedimento dos conservadores, e mais ainda dos funcionarios publicos que tenham de intervir n'esse serviço: — a revisão geral, cuidada e conscienciosa, de todo o recenseamento politico. O mal não é grande e a votação republicana comparada aos algarismos annunciados á urna pelas outras tres facções monarchicas que a disputaram, é relativamente insignificante. Pode dizer-se mesmo que nem um só republicano resenseado deixou de ir á urna. Só o contrario se dirá dos conservadores. Poucos lá foram, e esses mesmos, — triste é confessal-o — foram mais para fazer favor a este ou áquelle, do que para definir principios ou para defender regimens.

Cassiano Neves

D desde que a arte de curar deixou de ser exclusiva dos privilegiados que liam nos astros e na palma da mão, para se transformar n'uma sciencia regular e methodica, aquelles que se impuzeram o mister de amparar a humanidade enferma perderam o aprumo de pessoas sagradas que privassem com os deuses e com os poderes sobrenaturaes, para serem mais homens que os demais homens, unica forma de não só lhes prescru-



Dr. Cassiano Neves

tarem as disequilibrios como prevenirem as immensas mazellas da malfadada especie.

Alguns, porém, mantêm inalteravel esse aspecto de inspirados e sustentam a tradição com o seu feitiço concentrado, mysterioso e rigido.

Receitam como alchimistas, auscultam como magicos n'um ceremonial tetrico, e diagnosticam como videntes, ruga cavada na testa, olhos postos no tecto por onde devem andar os espiritos evocados nas suas locubrações de sabios.

O dr. Cassiano Neves é o modelo dos medicos modernos. Formado em Coimbra e bacharelado tambem em philosophia, completou muito cedo o seu curso e muito cedo tambem comprehendeu que o primeiro alvo que a observação do clinico deve visar é o espirito do doente, motivo porque a reputação de Cassiano Neves se accentuou e expandiu d'uma maneira pouco vulgar em Lisboa.

Meia hora de visita do illustrado clinico vale pelo mais salutar cordeal. Cheio de espirito e de bom humor, a sua conversação facil e insinuante dispõe em seu favor e desanuvia o cerebro dos que se sobressaltam com a approximação d'um medico.

Os seus trabalhos bacteriologicos no *Laboratorio de Hygiene* bastariam para envaidecer quem não fosse de si proprio tão avesso a louvores.

Como medico do Dispensario Anti-tuberculoso não menos tem enaltecido o seu nome, sobre o qual não só recae o reconhecimento da sua numerosa clientella mas a consideração dos seus collegas que tiveram longo ensejo de apreciar as suas extraordinarias faculdades no relatorio das *Bases para a creação em Portuga! d'uma lei protectora da primeira infancia*, apresentadas no ultimo congresso da Liga Nacional contra a tuberculose.

Os seus concidadãos de Lamego pediram ao governo que apreciasse a sua candidatura por aquelle circulo.

Dada a origem honrosa d'esta escolha, o novo deputado pode envaidecer-se de ter sido, caso raro! propheta na sua terra.



Um chalet no Monte Estoril

Ha tolices que um homem d'espirito quizera ter dito.

✕

Quando se quer afirmar alguma coisa, chama-se sempre Deus para testemunha — porque nunca nos contradiz.

ELISABETH DA ROUMANIA.

CLUB PORTUGUEZ



Club Portuguez. — Sala de recepção

J em biographia, tem historia este club, dos mais antigos, dos mais elegantes de Lisboa.

As gravuras das suas salas e gabinetes, que hoje illustram as paginas d'esta Revista, dão a medida do luxo, do conforto e da arte, que caracterizam esta instalação, verdadeiramente moderna.

E hoje que estão em moda theatros e clubs, que vieram substituir as reuniões e as *soirées* de outro tempo, não é de mais consagrar algum espaço, em uma publicação artistica, para pôr em relevo o que temos de bom e de recommendavel, ou sejam os salões dos paços reais, ou os aposentos caracteristicos de um sabio ou de um artista, ou as galerias de um museu, ou as dependencias de um sanatorio, ou as salas de um club.

De resto, poucos como o Club Portuguez, tem direito a esta consagração tanto pela sua historia antiga como pela sua instalação moderna.

A sua origem, que está cerca de meio seculo distante de nós, tem o seu quê de original e de pittoresco. Assignala-a a existencia de um cão, sendo necessario explicar que não é um cão no mau sentido figurado, mas um cão authenticico, de carne e osso.

Existiu em tempos a Academia Philharmonica Lusitana, que foi, não o pae por ser feminina, mas a mãe do Club Portuguez. Um dos socios d'essa academia, Candido Maia, visitava-a sempre acompanhado de um cão respeitavel. Não se apurou bem se o cão fez durante uma das visitas qualquer acto prohibido. O que se sabe é que alguns socios se oppuze-

ram á continuação das visitas caninas, que essa opposição abriu conflicto, creou dissidencias, e estes, os maistas, fizeram gremio á



Club Portuguez — Sala de jantar

parte e crearam pomposamente o Club Portuguez que se installou na travessa de Santa Justa, na casa que é hoje o Hotel Francfort.

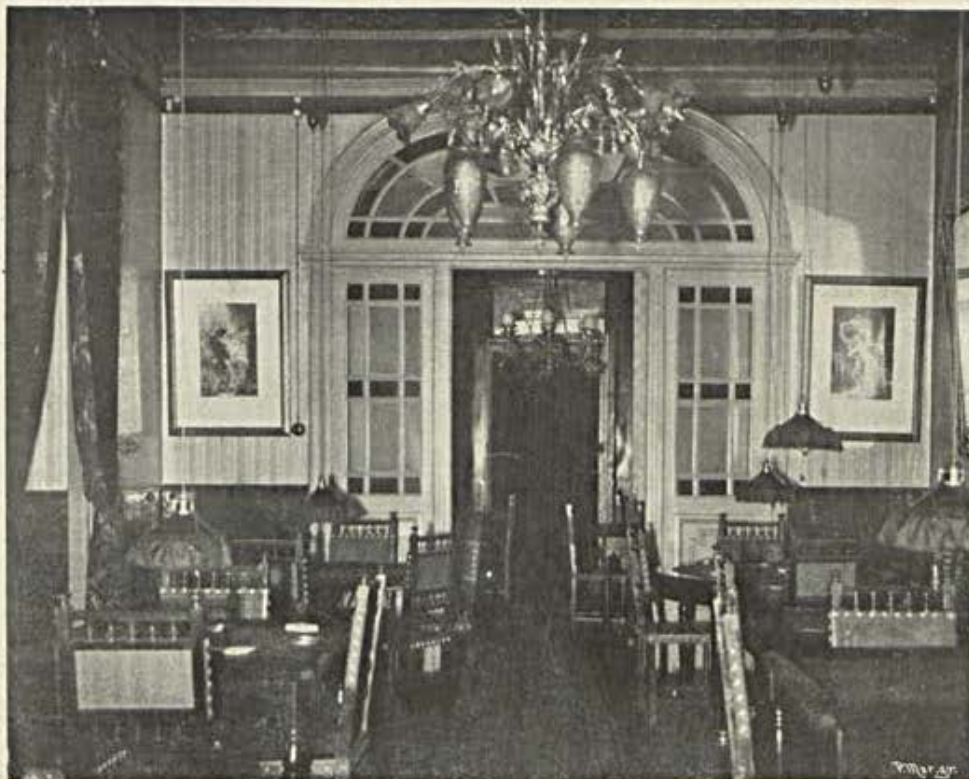
A academia não deu o braço a torcer, mas, em vez de ir vivendo, foi vegetando durante alguns annos até que em 1871, feitas as pazes, se fundiu com o Club Portuguez. Esse consorcio foi celebrado com festas rijas, organisadas por commissões de que faziam parte socios em evidencia como Francisco Alberto d'Oliveira, Moita e Vasconcellos, Vicente Caetano Macieira, Ricardo José de Sá e outros.

Pouco depois o club mudava a sua séde para o palacio Barceilinhos, na rua Nova do Almada, onde durante 24 annos se conservou até que ha cerca de seis mezes se viu forçado a mudar de residencia.

Todavia *à quelque chose malheur est bon*, porque a nova séde, na rua de S. Roque, fica sendo um exemplo do que póde o gosto, o brio, e a vontade. O que lhe falta em extensão ganhou-o em riqueza e commodidade.

A direcção actual, composta dos srs. visconde do Rio Sado, que é o presidente, e cujo retrato publicamos, Idefonso Gomes, Francisco Bandeira, Francisco Pastor, e Joaquim Bizarro, tomou a peito fazer e conseguir que o Club Portuguez se impuzesse pelos requintes modernos da elegancia e do *comfortable*, que distinguem os grandes clubs europeus.

Do que é a installação do Club



Club Portuguez — Sala de jogo



Club Portuguez — Bibliotheca

O funeral de Alfredo Serrano



Visconde do Rio Sado

Juiz substituto nas audiencias de 1.ª instancia de Lisboa

Portuguez dão uma pallida idéa as gravuras que hoje publicamos, mas a bastante ainda assim para se apreciar o gosto que presidiu ás decorações e mobiliarios e para se felicitem aquelles que intelligentemente perpetuam as tradições do club, enxertando na sua vida antiga as mais modernas inuovações.



Alunos da Casa Pia e comissão promotora da homenagem



A passagem do prestito no Terreiro do Paço



Joaquim Antonio Simões

† na Figueira da Foz em 14 de fevereiro de 1905

Honradissimo negociante, a sua vida foi um exemplo. Sem se afastar um só momento, n'uma existencia de cerca de 90 annos, da linha severa do dever, legou aos seus uma fortuna avultada. E deixou-lhes, mais do que isso, "a tradição de um caracter immaculado e a de uma casa commercial com creditos robustecidos, e nunca abalados, em Portugal, no Brasil e nos nossos dominios do Ultramar. Cobriu-se de luto a Figueira pela morte d'este cidadão benemerito, grande, simples e modesto, cuja obra de trabalho e de intelligencia vai ser continuada por seu genro, o illustre poeta e par do reino conde de Monsaraz, a quem o «Brasil-Portugals» acompanha em espirito n'esta hora dolorosa.



Passagem do prestito

MOÇAMBIQUE

Recortada em muitos reconvavos de variadas dimensões, orla-dos uns por praia de areia branca e outros de asperos recifes de coral, muitas vezes corroidos inferiormente em cavernas por onde o mar infurna ruidosamente espadanando em espuma branca pelos interstícios, discorre proximamente ao longo do meridiano a costa do districto de Moçambique na Africa Oriental portugueza.

As aguas muito transparentes e limpidas atravessadas pelos ardentes raios solares, deixam entrever lá em baixo buzios e conchas de fôrmas caprichosas, estrellas marinhas de cores vivas, e florescencias coralíferas e madreporicas phantasticas, cardumes de peixes miudinhos e um ou outro voraz e atrevido tubarão



Moçambique. — Grupo d'árvores notavel

de dorso negro que vem traçozeiro procurar a sua presa á babuje da praia, e que lança imprevisivelmente no formoso scenario uma nota sinistra.

Essas aguas teem a côr verde escura nos grandes fundos e verde claro nos logares mais aparcados, o que na approximação da terra, indica quasi sempre com grande nitidez os canaes navegaveis.

Ao fundo de um dos reconvavos de que estamos falando, vem esbocar o rio sinho do Mussuril; e atravessada pela parte de fóra em direcção approximadamente de Nordeste para Sudoeste, está a ilha de Moçambique, que não chega a ter dois kilometros de extensão sobre uns 250 metros na sua maior largura.

Esta ilha, onde está ha quatrocentos annos estabelecida a capital dos nossos dominios n'aquella parte do continente, representa o papel de um natural quebramar, e forma entre ella e a bahia do Mussuril, o porto interior. Este porto tem duas entradas: a do Sul muito obstruida junto á ponta da ilha e contornando a fortaleza de S. Lourenço, e a do norte que passa muito perto da grande e magestosa fortaleza de S. Sebastião, uma das melhores do nosso ultramar. E' esta a unica barra praticavel actualmente.

Por fóra da ilha e dilatando se até ás duas pequenas ilhas exteriores de S. Thiago e S. Jorge, ou de Sena e Goa como mais vulgarmente são conhecidas, na segunda das quaes se ergue um bom farol, está o porto exterior de Moçambique, onde lançam ferro os navos muito grandes.

A bahia de que nos estamos occupando é delimitada exteriormente pela ponta de Sancul ao Sul e pela da Cabaceira ao Norte, as quaes ficam pouco mais ou menos no alinhamento determinado pelo eixo da ilha de Moçambique mas avançando um pouco além d'elle.

Por sua vez a ponta de Sancul forma o começo de outra profunda e muito mais importante reintrancia, que se abre na grande e bella bahia do Mocambo ao Sul, que é um dos melhores portos da costa, e um excellento abrigo.

A ponta da Cabaceira, erigida de agulhas negras de rochas de coral e cercada de alfaques mais ou menos á flor d'agua, constitue o limite meridional de outra bahia denominada da Conducia, ao

fundo da qual vem desaguar o rio Syniude que nasce nas faldas da magestosa e conspicua montanha da Mesa.

A terra comprehendida entre as bahias de Moçambique e da Conducia é vulgarmente conhecida pelo nome generico de península da Cabaceira, e n'ella se topam varios logarejos com os nomes de Mussuril, Mapêta, Saua Saua, Choca, Murangule, Cabaceira grande e Cabaceira pequena ou dos Mourros quasi no seu extremo Norte-Oriental.

No Mussuril existe um palacio com bella egreja, edificado pelo antigo governador geral Balthasar Manoel Pereira do Lago e legado como apanagio aos seus successores, com a condição de celebrarem annualmente a 8 de dezembro a festa de Nossa Senhora da Conceição orago da egreja. Se algum governador deixar de cumprir essa obrigação, a posse do palacio, egreja e jardins que descem em sucalco até ao mar, passa para a Santa Casa da Misericordia.

Conhecemos ainda ha quarenta e trinta annos mesmo, algumas outras opulentas e apraziveis residencias campestres no Mussuril taes como a de Bernardino Antonio da Silva Gomes, José Zeferino Xavier Alves, Adolfo João Pinto de Magalhães em Nameripe, Matoso, Joaquim da Cunha Travassos e muitos outros que ha muito emprehenderam a eterna viagem!

Na Cabaceira Grande teem os governadores geraes outra bella casa para seu logradouro, comprada ha pouco mais de vinte annos, por ser reputada muito pouco saudavel a de Mussuril. Pertenceu essa casa antigamente ao velho e erudito indiano José Vicente da Gama, que foi official maior da secretaria do governo e que publicou durante alguns annos um curioso almanach, repositório de noticias locais e informações historicas interessantissimas. Está essa casa magnificamente situada em frente da cidade e da barra do porto, perto de um dos faroes vermelhos de enfiamento, em logar lavado de areas, sendo um aprasivel refrigerio cercado de frondosos arvoredos.

Do palacio da Cabaceira ao do Mussuril vão 9 kilometros ao longo de uma bonita estrada chamada das mangueiras, que dava serventia a vastas e outr'ora opulentas propriedades rusticas dos senhores de Moçambique, as quaes jazem hoje quasi todas em ruinas, mas mostrando ainda evidentes vestigios da grande abastança dos tempos da escravatura.

A península da Cabaceira é plana ou de muito tenue relevo em um ou outro ponto, cortada em certos sitios por languas onde as marés vivas se espraíam á vontade no preamar. Um dos pontos elevados mais notaveis é o promontorio da Choca, constituido por terras argilosas vermelhas, provavelmente ferreas, e que avança sobre a bahia da Conducia como uma conheçença inconfundivel para quem vem do Norte. Toda a península é vestida de vastos palmares, bosques de bellissimas mangueiras, cajeiros, tamarindeiros, acacias de flores fulgurantes vermelhas, figueiras dos Baniannos (ficus indicus) com as suas raizes adventicias formando columnnatas, palmeiras bravas collossaes, baobabs de troncos disformes (adansonia digitata) conhecidos no paiz por molambeira, café e outros variadissimos arbustos de menos nobre porte, ananazes, mandioca, etc. etc.

No promontorio da Choca está pittorescamente assente á sombra de bellas arvores, uma residencia senhorial e nobre que pertenceu ao fallecido brigadeiro Candido da Costa Soares, que passou depois a seus filhos João e Pedro, e que hoje pertence ao filho d'este ultimo, chamado tambem Candido como seu avô.

Conhecemos essa bella vivenda na posse do fallecido João Soares, tão hospitaleiro e agasalhador para quem ha trinta annos o procurava n'aquella sua luxuosa e confortavel propriedade e nas da Cabaceira ou da cidade de Moçambique. Os officiaes inglezes dos navios do cruzeiro principalmente, conheciam bem a tradicional bizzaria do velho fidalgo moçambicano.

Da casa da Choca o panorama que se descortina é maravilhoso! ao Norte a ilha da Quitangonha com o seu denso mangal verde-negro, por detraz da qual se abre o porto Velhico, que foi conhecido esconderijo de pangaos negreiros; um pouco á esquerda a ilha do Sombreiro, e a bahiasinha da Chicoma; lá mais para a esquerda, ao fundo do Poente, a Conducia, e o pequeno logarejo de Fucuniculo; á direita a ilha dos Sete Paus com as suas esguias e caracteristicas movinges ou casuarinas, e o horizonte maritimo sem limites. Podia se passar longo tempo em extasi diante de tão grandioso scenario.

N'esses antigos tempos da velha e larga hospitalidade dos proprietarios de Moçambique, passavam se dias deliciosos na Choca, na Cabaceira, na Mapêta, no Mussuril, em Nameripe, em Ampapa e quando aos domingos iamos deitar uma cá fóra em alegre patuscada de oito ou dez amigos. Largava-se de Moçambique logo de madrugada pela fresca, em uma boa embarcação, tripulada por pretos luzidios; e com os dois bastardos enfundados lá se ia em direcção ao continente e ali se encontravam machilas com robustos carregadores que nos levavam ao ponto do destino. Como tudo isso já lá vem saudosamente ha tantos annos, e para nunca mais voltar!

No caminho da Cabaceira para a Choca, a um quarto talvez da distancia, topava-se um formosissimo exemplar de *symphia vegeta* — pode passar a expressão — que vem reproduzido em uma das nossas gravuras e que era notabilissimo. Um magestoso *ficus indicus* cresceu ao lado do estipe de uma palmeira brava de avantajadas dimensões, abraçando-a, estreitando-a com os seus ramos, e circundando a em amplexo fraternal muito extraordinario.

Pois esse exemplar curiosissimo, unico no genero, pelo menos para a nossa já não pequena experiencia do mundo, foi mandado deitar abaixo por um vandalo sem consciencia nem gosto de especie alguma e sem qualquer objectivo util visto que as pobres arvores nenhum mal lhe faziam.

Politica internacional

O anno de 1905 principiou por uma serie de crises ministeriaes, que ainda continuam na maior parte dos paizes da Europa. Crise hespanhola, crise franceza, crise austriaca, crise grega, crise romanica, crise dinamarqueza e n'estes ultimos dias crise hungara, ainda não resolvida, tem successivamente occupado a attenção dos que por dever de officio são obrigados a escrever sobre politica internacional. De todas estas crises ministeriaes a mais interessante indubitavelmente pelas causas, que a motivaram e pelas consequencias que póde ter, é a franceza. Segue-se-lhe em ordem de importancia a hungara, á qual dedicaremos uma das nossas proximas chronicas.

A queda do ministerio Combes estava mais ou menos prevista; e simplesmente surpreendeu por se ter realisado quasi de improviso, quando as difficuldades do governo pareciam vencidas por algum tempo. De resto a lenta mas constante desagregação do bloc, que sustentava o ministerio, não deixava a este respeito nutrir illusões. O gabinete estava condemnado. Nada havia que o salvasse, e a questão da espionagem no exercito, que lhe deu o golpe de misericórdia, foi apenas o pretexto para o derribar. De mais a indicação fôra duplamente dada com a eleição do sr. Doumer para presidente da camara dos deputados, e com a derrota do sr. Brisson, o candidato ministerial para aquelle alto cargo.

O que de facto motivou a queda do governo do sr. Combes foi a questão religiosa. E' este hoje o grande elemento perturbador na politica franceza, e d'elle dependerá ainda por muito tempo, quasi



Gorki, trabalhando



Maximo Gorki

Alcizo Pechkof, cuja prisão abalou o mundo culto, tem hoje 36 annos. Tem lida, desde pequeno, uma vida aventureira. Moco de cozinha a bordo de um vapor, no Volga, encontrou como companheiro um cozinheiro muito dado á leitura. O pequeno seguiu-lhe as pisadas, e lançou-se avidamente no estudo. Luctou com a miseria. Aos 15 annos frequentava com anciedade as reuniões dos estudantes exaltados, foi padeiro, guarda linha, pescador, barqueiro, trabalhador, operário do arsenal, até que em 1892 appareceu escrevendo artigos em jornaes, publicando 6 annos depois o seu primeiro livro «Makar Tchoudra».

Data d'ahi a gloriosa carreira litteraria de Maximo Gorki, que é phisicamente um fraco, mas que é intellectualmente um forte. Cerebro poderoso, escriptor de raro merito, ganhando em toda a Russia de uma fama invejavel, conseguiu, pelo talento e pelo trabalho, que o seu pseudonymo atravessasse as fronteiras e fosse conhecido em toda a Europa. Não admira, por isso, que os boatos espalhados sobre a sua sorte como prisioneiro, alarmassem essa mesma Europa, á qual no entanto, em 1887, deveria passar despercebida a tentativa de suicidio do pobre vagabundo do Volga.

que exclusivamente, a estabilidade dos ministerios. A questão colonial, a questão das alianças, a questão financeira passaram ao segundo plano para deixar em fóco a magna questão das relações do Estado com a Igreja, que os radicaes da camara querem desde já resolvida, mas ante cujas difficuldades estava hesitando o proprio presidente do conselho demissionario, que ninguém decerto accusará de menos avançado nas suas convicções anti-clericaes. E' porque o problema é muito complexo e a sua solução depende de muitos factores, que escapam á acção de qualquer governo, por mais rijo que elle tenha o pulso. Em theoria nada ha mais bello, e, podemos até dizel-o, mais facil. A celebre formula de Cavour — *libera chiesa in libero stato* — apaixona ainda hoje um bom numero de publicistas e de tratadistas de direito constitucional, que na separação completa da Igreja e do Estado vêm com justa razão a desejada harmonia entre o reino de Deus e o dominio de Cesar. Os Estados Unidos da America chegam mesmo quasi que a realisar este ideal.

Na pratica, porém, e com esta unica excepção talvez, as cousas passam-se por modo differente. O exemplo da França é a este respeito illucidativo. Em paiz algum da Europa está a opinião publica, ou pelo menos uma grande parte d'ella, melhor preparada por uma propaganda continuada e persistente para a separação dos dois poderes. E no entretanto, desde que a questão passou do campo da theoria abstracta para a sua concretisação n'um projecto de lei, começaram as difficuldades e tão grandes foram ellas, que o governo teve que cahir por as não poder resolver. Esta é a lição dos factos, e por mais que se lamente semelhante resultado, não ha que fugir ao ensinamento d'elle.

Dissemos que em França o problema da separação da Igreja e do Estado era muito complexo, e vamos demonstral-o.

Se porventura do regimen concordatario actual pudesse passar-se pura e simplesmente para o regimen da liberdade completa da igreja galicana, o caso não era difficil e um simples projecto de lei era sufficiente para resolvel-o. Similhante brusca transição, porém, é no estado actual da França completamente impossivel. Em primeiro logar supprimir de um dia para o outro o orçamento dos cultos era lançar n'uma miseria certa os milhares de ecclesiasticos, que por todo o paiz não tem outro meio de ganhar a existencia, occasionando tal suppressão uma verdadeira revolta da fome, de consequencias difficeis de prever, por isso que havia de ser explorada pelos inimigos do actual estado de cousas. Não era, com effeito, uma medida para ferir sómente as summidades da Igreja — bispos e outros altos dignitarios. Far-se-hia sobretudo sentir entre a massa dos pobres curas d'almas e parochos de aldeia, que ficariam litteralmente a mendigar. Não admira, pois, que o sr. Combes apesar do seu radicalismo tenha hesitado ante a perspectiva de tal violencia. Mas a difficuldade da suppressão immediata do orçamento dos cultos levanta ainda outra questão delicada — a que se refere á propriedade na posse das corporações religiosas e por ellas administrada. E note-se que não se trata já das congregações propriamente ditas, sob a alçada da lei do fallecido Waldeck Rous-

seu e dos decretos de dissolução do sr. Combes, mas de todas as fabricas de igrejas, capellas, sanctuarios, etc., que tem a gerencia de bens proprios. Ser-lhes-hão deixados intactos esses bens? Ser-lhes-hão summariamente confiscados? Que origem de complicações e desordens em qualquer dos casos! . . .

Mas suppondo que todas estas difficuldades de ordem material se resolviam satisfactoriamente pelo regimen de independencia absoluta e da separação completa dos dois poderes, sem intervenção alguma um sobre o outro, segundo a formula cavouriana, poderia a republica consentir no seu seio, trabalhando em absoluta liberdade, uma Igreja, a hostil, não sómente alliada a todos os inimigos das instituições vigentes, mas ella propria dirigindo-os como o chefe confessado d'essa cruzada reaccionaria? O regimen politico que tal tolerasse decretaria, por uma inexplicavel cegueira, a sua propria morte. Por consequencia, mesmo com a separação da Igreja e do Estado este ultimo não prescindindo do seu direito de inspecção, de fiscalisação e de repressão eventual, não muito logico, diga-se em abono da verdade, mas muito necessario dada a triste incompatibilidade existente em França entre a sociedade civil e o espirito religioso. Mas é este o *crucial point* da questão, como diriam os

onde as questões de propaganda religiosa se comprehendem tanto a miudo como questões politicas, e onde quasi sempre o missionario é a guarda-avançada da intervenção do Ocidente pela intriga ou pelas armas, a faculdade de se poder apresentar ante as populações e os governos provinciaes como o defensor de todos os catholicos, e até mesmo em certos casos de todos os christãos, representa um privilegio de alta valia, que as mais poderosas nações da Europa se apressariam a comprar por bom preço. Comprehende-se, pois, como n'estas circumstancias alguns dos mais entusiasticos defensores da separação em theoria hesitam perante a situação especial, que a França mantém no Extremo Oriente. Pertence a este numero o sr. Delcassé, que sempre foi arrastado contra sua vontade para todas as medidas extremas do ministerio Combes, tendentes a preparar e a tornar enevitavel a denuncia da concordata. Sobretudo se patenteou bem a sua repugnancia em seguir o ex-presidente do conselho nos actos, que determinaram a ruptura com o Vaticano, que o ministro dos negocios estrangeiros fez todo o possivel até á ultima hora por evitar.



Os dois grandes escriptores russos, Tolstoi e Gorki

ingleses. Tão facil é decretar o regimen da separação absoluta e completa, como é difficil organizar um systema de relações entre os dois poderes, ficando um nominalmente livre, mas reservando para si o outro sobre elle um direito de intervenção. Foi n'esta difficuldade que tropeçou o gabinete Combes. E' n'esta difficuldade tambem que ha de tropeçar o gabinete Rouvier que lhe succedeu.

Se a questão da separação da Igreja e do Estado se complica no interior com uma questão politica, que domina toda a vida e toda a orientação dos partidos, no exterior complica-se com o problema da influencia da França e do seu predomínio moral entre os povos do Oriente, como por mais de uma vez n'estas revistas temos accentuado.

E' sabido, que, por concessão da Santa Sé e por uma longa praxe observada quasi que sem interrupção, pertence á França o protectorado dos catholicos do Extremo Oriente, especialmente da China, onde elles são mais numerosos. Este direito, muito semelhante ao padroado portuguez na India, embora de diferente origem e extensão, representa do mesmo modo que para nós, uma importante influencia da nação que o possui, sobretudo se esta é como a França uma grande potencia. Na China, principalmente,

A questão, porém, da separação da Igreja e do Estado, por mais que o novo presidente do conselho, o sr. Rouvier, lhe queira antepôr as medidas de ordem social e financeira, como a da caixa das aposentações e a do imposto do rendimento, é a que está no primeiro plano, e que continuará por muito tempo ainda a absorver a attenção do ministerio, quer elle o deseje ou não. As cousas chegaram a tal ponto, que uma solução immediata impõe-se ao governo e á camara igualmente. Antes da subida de Combes podia pensar-se em addiar a denuncia da concordata, não obstante a lei de Waldeck Rousseau sobre as congregações. Hoje, depois de tudo o que se tem passado, qualquer tentativa n'este sentido será perfeitamente inutil e custará a vida ao ministerio. E qual será a attitude do sr. Rouvier a este respeito? Não se sabe ainda ao certo, por isso que sobre o assumpto não ha até agora acto algum official, que estabeleça a orientação do gabinete e lhe prenda a responsabilidade. Pessoalmente é contrario á separação o sr. Delcassé e o proprio presidente do conselho não lhe é muito affecto. Demais a constituição do actual governo, significando a ruptura com o partido socialista e portanto o fim da alliança com o grupo de que Jaurés é o chefe, parece representar senão uma *volte-face* na questão religiosa, pelo menos accentuada tendencia para a acalmção. Mas será similhante acalmção possivel? Não nos parece. Se o *bloc* se dissolveu para o fim de continuar a sustentar o ministerio Combes, pôde amanhã reconstituir-se, ainda que seja temporariamente, para expulsar do poder os ministros que pretendam transigir com Roma. Affigura-se nos mesmo extremamente perigoso para qualquer governo, com a actual constituição da camara e com o estado da opinião na maioria do paiz, querer governar contra o partido socialista. E' demasiado tarde para romper uma alliança, que data da constituição do ministerio Waldeck Rousseau. Se o sr. Rouvier o tentar parece nos que lhe custará a existencia.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Uma estatua de Gladstone

Cartas de Lisboa

Lisbon the Fair! — Um artigo do sr. Chatfield-Taylor — Uma Lisboa maravilhosa — O Tejo — As mulheres — A distinção e a amabilidade portuguesas — Um baile em casa da senhora duquesa de Avila — Um retrato d'El-Rei — Abrahão, fundador de Lisboa.

O *magazine* americano, *The Cosmopolitan*, publica, no seu numero de outubro, um artigo assignado pelo sr. Chatfield-Taylor e intitulado, galantemente, *Lisbon the fair*: — *Lisboa a Bella!*

São as impressões de um homem amavel e de um homem de espirito, que viu Lisboa do convés de um *yacht* de recreio e a atravessou rapidamente no carruagem do ministro dos Estados-Unidos.

Evidentemente, uma maior permanencia em Lisboa modificaria, de maneira sensível, essa impressão cycloramica, de côr e luz, de radiosos aspectos panoramicos, que o viajante levou da capital. Lisboa fica sempre bella, fascinadora e inolvidavel para quem pela primeira vez a viu do tombadilho de um navio, na claridade do amanhecer, no resplendor do meio dia ou na phantasmagoria dos poentes. Para esses, o prestigio nunca mais empallidece. Na memoria dos navegadores fica sempre, como um panorama oriental, essa cidade das descobertas e das conquistas, ornamentada de palmeiras, vibrante de sinos, com a sua torre de Belem á beira d'agua, o branco palacio da Ajuda n'uma eminencia, e ao longe, decorando o horizonte, os moinhos de Monsanto, cujas vélas brancas evocam as cruzes militares de Malta.

Quando o sr. conselheiro Fuschini tenha completado a restauração da Sé e as grandes torres quadradas, recuperando as suas frentes romanicas, se corêem com os projectados coruchéus, Lisboa terá mais uma belleza para o olhar, uma nova joia com que o amor dos artistas a enfeitou.

Vista do Tejo, com os seus amphitheatros coloridos, a cupula rendilhada dos Jeronymos, o capacete de marmore da basilica da Estrella, as muralhas e os bastiões do castello de S. Jorge, a pesada molle do pantheon real, a arcaria e a estatua do Terreiro do Paço, é que *Lisboa, a Pobre*, se transforma na *Lisboa, a Bella*.

Quando molham as ancoras dos couraçados, dos transatlanticos, dos *yachts*, passageiros e tripulações são invadidos e conquistados pela magnificencia d'esse ancoradouro vastissimo, que se alarga e espalha n'um mar, ora azul, ora verde, desde as terras vermelhas do Barreiro até á ilhota do Montijo, desde a casaria branca de Aldeia Gallega, que ao longe parece um bando de gaivotas na areia, até á Povoia de Santa Iria e Villa Franca do Xra.

O almirante Beckford — descendente d'esse lord Beckford, que uma secreta missão politica trouxe a Portugal por duas vezes, ao findar o seculo XVIII e que d'aqui partiu tão encantado e tão enamorado — sempre que vem a Lisboa nas esquadras da Inglaterra, manda suspender por um instante as manobras, para que os offi-

ciaes e a marinhagem possam encher os olhos com o espectáculo d'essa maravilha da natureza.

Em todo o artigo do sr. Chatfield-Taylor essa primeira impressão é a que perdura, empolgante e viva, envolvendo com os seus raios magicos todos os outros aspectos e impressões posteriores. E' ainda ao Tejo que o escriptor vae buscar a imagem do nosso caracter. Antes mesmo de desembarcar, elle verifica a nossa desimilhaça com a Hespanha, e, mais justo que lord Tirawley, a quem Chamford attribue a phrase desprezível e ingrata: — *"tiram a um hespanhol o que elle tem de bom e fica o portuguez"*, — o sr. Chatfield Taylor assenta n'esta definição: — *"os portuguezes são uma raça orgulhosa e digna, com caracteristicas totalmente diversas dos seus vizinhos"*. (1) Tão diferentes, como esse mesmo Tejo, que o viajante vira correr, barulhento e estreito, debaixo da ponte de Toledo, e vinda encontrar em Lisboa transformado n'um estatuário!

A cidade, contemplada do barco que o conduz a terra, recorda-lhe, pela situação, Constantinopla, sob o mesmo céu azul, com a mesma planicie de verdes, as mesmas *ayrettes* verdes das palmeiras. A predominancia do branco na polychromia de Lisboa ainda presta maior veracidade a esse sonho oriental, que breve se dissipa, mal o viajante, desattento ao caracter mourisco da velha cidade das conquistas, depara com os americanos electricos, construidos em S. Louis. Com esse espectáculo inesperado, a *sympathia* do sr. Taylor exalta-se. Tudo se transfigura aos seus olhos. Já agora, as ruas vão parecer-lhe limpas, o povo asseado, as lojas luxuosas e as proprias armas dos soldados, aos seus olhos benevolos, vão rebrilhar *"como dollars novos"*.

Que disparidade de opinião com a de outros viajantes, que descreveram a Lisboa do capote e lenço, das traquitanas e das sejes, das varinas descalças e dos garotos sujos; a Lisboa tenebrosa e medieval da Mouraria; a Lisboa napolitana do Bairro alto, com os seus embandeiramentos de roupa branca seccando ao sol, o seu cheiro de alfazema, os seus gatos vagabundos, as suas portinhas de cancella, os seus pregões melodiosos! E como a hão de suppor transformada, civilisada, os que, sem nunca a terem visto, a conhecem pelos *Sketches of Portuguese Life*, pelo celebre *Voyage en Portugal*, pelas notas humoristicas do viajante Twiss!

Não ha, na curta narrativa do sr. Taylor, um só vestigio d'essa velha cidade meridional e sempre viva. Houve um instante em que elle a adivinhou, na sua feição intima. Foi quando, descendo as escadadas do *yacht*, caminhando para ella, acordam no seu espirito reminiscencias do Bosphoro!

Mas a vista dos americanos electricos perturbou-o. De facto, como elle mesmo o affirma, lastimando não ter podido vaguear sózinho, algumas horas, pelas ruas, em convívio com a multidão, vendo viver o povo, — que é, como quem diz, vendo viver a cidade, — o sr. Taylor não passou, em Lisboa, da sala de visitas. O seu artigo é um cumprimento de *gentleman*. Mais ainda. O seu artigo é um madrigal!

A carruagem, que o foi buscar ao Caes do Sodré, levou-o á legação dos Estados Unidos. A primeira casa portugueza em que entra o sr. Taylor é o palacio do sr. marquez da Fox. E logo o sr. Taylor



Costumes a emtejanos. — Carregando corticeira

generalisa. Ao subir a escadaria magnífica de bronze e aço, tornam-se-lhe evidentes o nosso culto pela belleza e pela elegancia, a nossa elevada comprehensão da arte e do bom gosto.

Pelas janellas da chancellaria, Lisboa apparece-lhe como uma cidade florida, com avenidas transformadas em jardins balsamicos, regados de fontes, enriquecidos de monumentos.

E mal tivera tempo para admirar o salão de baile, já o ministro dos Estados-Unidos o arrasta para a estação do Rocio, a assistir á chegada d' a rainha, que regressa de Sevilha.

Muito de passagem, o sr. Taylor repara na columnata jonica do theatro de D. Maria, observa a fachada scenographica da estação, com as suas janellas manuelinas, as suas portas arabes, como um apparatus reclamo, e já um elevador o sobe á plataforma, entre a fumarada das machinas. O sr. Taylor encontra o elemento official, o corpo diplomatico e a cõrte.

Lisboa parece ter-lhe preparado um programma, como uma mulher *coquette*, occupada n'uma obra de seducção. As mulheres parecem-lhe lindas. E' necessario que o sejam alguma coisa, para que todos os viajantes — excepção da duqueza de Abrantes e da princeza Rattazi! — recebam d'ellas a mesma impressão de encanto e formosura.

Na sua memoria ficam a resplandecer innumerous olhos pretos, velludosos e ternos, com grandes pestanas sedosas.

Mas já o comboio sahe do tunel. El-rei avança, seguido pelos seus ajudantes de campo e officiaes ás ordens, e a impressão que tem de el-rei, nota-a o sr. Taylor com uma phrase curta, n'um grande poder de synthese, a que não falta o bom humor: "*Apenas me dão tempo de reparar que Sua Magestade tem o aspecto de um bom soberano — a royal good fellow — de um homem cujos trabalhos e cuidados não são muito pesados, se realmente alguns tem*" (1)

E é agora, quando desaparecem ao longe as equipagens, precedidas pelos batedores, que o sr. Taylor acaricia a esperança de poder caminhar á solta por Lisboa e *stick the nose into out of the way corners*. Baldada esperança! O ministro dos Estados Unidos convidara para um *five o'clock* na legação os hospedes do *yacht* e algumas familias elegantes de Lisboa. Forçoso é acompanhá-lo novamente ao palacio da Avenida da Liberdade.

Mas os lindos olhos pretos compensam demasiado essa pequenina contrariedade — esses lindos, luminosos, feiticeiros olhos pretos, que o sr. Taylor vai encontrar ainda nos grandes salões de baile de uma casa ducal, n'aquella noite mesmo.

Refere-se o sr. Taylor ao ultimo baile offerecido pela sr.^a duqueza de Avila, e em phrases tão amaveis de galanteio, que eu lembro ao sr. Alberto Braga o dever imperioso de lhe mandar o seu bilhete de visita, em nome de todo o *high-life* portuguez!

Os ministros de Estado e os plenipotenciarios ostentavam as suas gran-cruzes. Era rara a casaca onde não brilhava uma placa de commenda. A purpura fluctuante de um bispo e a tunica escarlata de um cardeal misturavam-se aos vestidos de tulle das raparigas e ás *toilettes* de velludo, de brocado e de seda. E' a custo que

o sr. Taylor abre caminho por entre os convidados. A cada passo, o ministro dos Estados-Unidos estaca para um cumprimento ou apresentação. O sr. Taylor está positivamente encantado. "*Como todos sabem ser amaveis! Que verdadeiros homens de sociedade são estes gentlemen, portuguezes!*" — exclama o sr. Taylor, que já reparara em que o *vestir bem* é uma virtude do homem portuguez.

Será para estranhar, depois d'isto, que o sr. Alberto Braga, com procuração de damas e cavalheiros, não tenha ainda mandado o seu cartão de visita ao sr. Chatfield-Taylor!

Mas n'esta altura graciosa, lisonjeira, mundana do artigo, lembra-se ponderadamente o sr. Taylor de que nada d'isto tem que ver com Lisboa: motivo pelo qual me parece que o sr. Alberto Braga já não deverá mandar-lhe o seu bilhete!

Em todos os paizes ha bailes, ministros de Estado e raparigas que dançam até á madrugada. Por toda a Europa, os alfaiates vestem do mesmo panno inglez, pelo mesmo figurino, a pedanteria e a fortuna humanas. Feita esta observação subtil e tardia, o sr. Taylor deixa os janotas e examina Lisboa, cumprindo escrupulosamente o seu dever de escriptor consciencioso, enumerando as egrejas, o numero de habitantes, levando a minucia do seu inventario ao extremo, bem americano, de informar os leitores do *Cosmopolitan* da fundação de Lisboa por um bisneto de Abraham, na era 3259 antes de Christo! Pois senhores, isto ainda nós não sabiamos!

Seria fazer-lhe injustiça, depois de agradecida a sua benevolencia para conosco, o negar-lhe um talento delicado de observador, que surprehende em flagrante os aspectos pittorescos das cousas. Assim, quando se refere, por exemplo, á cidade nova. Nunca se sabe quando se está na cidade ou fóra d'ella — observa o sr. Taylor com uma grande precisão. Ha avenidas arborizadas, com horizontes largos, que dão a impressão de se estar no campo. E como um *ritornello*, a cada momento, o artigo encomiastico canta gloria do céu azul, o brilho do sol, a alacridade das cores. E' a primeira impressão que volta sempre, da cidade erguida nas suas sete colinas, como a Roma dos Cesares, coroada de cupulas e ameias, espreitando os mares, que foram a sua gloria, assistindo ao *apparellhar* dos navios de commercio, que foram a sua riqueza. Apesar da amabilidade dos janotas e da commodidade dos *electricos*, o entusiasmo do sr. Taylor só vibra em notas sinceras quando então o seu hymno á natureza. Outra vez, no convés do *yacht*, á hora da partida, sob o baile aereo das gaivotas, rosada pelo sol poente, Lisboa apparece-lhe cheia de magestade e de graça, readquirindo o seu prestigio soberano. E é então á despedida, como á chegada, n'uma excitação de enlêvo, que elle a elege *Lisbon the Fair — Lisboa, a Bella!*

(Do seu ultimo livro)

CARLOS MALHEIRO DIAS.

(1) "A self-respecting, self-reliant race, with characteristics quite apart from their neighbors."

(2) "A man whose worries and cares were borne lightly, if indeed he has any."

Caparica



THEATROS

D. Amélia — Charlotte Wiehé. Miecio Horszowski. *Os tres anabaptistas*. **Gymnasio** — *Caramba*. **Avenida** — *Trindade* — **Principe Real** — *Rua dos Condes* — **Colyseu dos Recreios**.

O theatro **D. Amélia** tem o condão, não ha duvida, d'èpater Lisboa. Ora nos apresenta companhias estrangeiras n'uma serie infundavel, ora, pela propria companhia portugueza nos offerece as *premières* da litteratura dramatica de todos os paizes, intercaladas com as obras notaveis dos escriptores nacionaes. Charlotte Wiehé, a notavel actriz dinamarqueza, foi a ultima celebridade que nos visitou, mas ainda d'esta vez se cumpriram as palavras do Evangelho: os ultimos serão os primeiros. E' certo que d'esta não poderemos dizer, com relação ao valor artistico, que seja a primeira nem a ultima, porque é unica.

Encarnam-se n'ella toda a jovialidade, toda a galanteria, toda



Miecio Horszowski. — O grande pianista pequeno

a arte de exprimir idéas e traduzir sentimentos, com uma originalidade inconfundivel, com uma graça e um encanto, que logo a impõem á nossa admiração. Percorremos os nomes de todas as celebridades femininas que conhecemos e nenhuma encontramos que se lhe defronte, porque com nenhuma outra ella se confunde. Depois, reúne na sua individualidade tantas e tão diversas aptidões, porisso que canta, dança, toca, faz mimica adoravelmente, que tantas qualidades são outros tantos attractivos que lhe caracterizam o merito, provocando-nos os applausos. Bem fez, repetimos, a empresa de *D. Amélia* em tornar conhecida do publico portuguez esta flôr do norte, esta opulenta e delicada organização de artista, esta mulher adoravel.

Mas, não se tinham apagado ainda na sala do theatro os echos da sua voz argentina, quando outra celebridade nos surge, uma celebridade juvenil, uma creança prodigio, deante da qual todo o *réclame* é insignificante e apoucado, são pobres todos os qualificativos. Miecio Horszowski é essa extraordinaria creança de dez annos, esse admiravel virtuose do piano, que se mede pela craveira dos mestres consagrados, que se levanta ao nivel dos Rubinstein, dos Liszt, de todos os pianistas cuja fama passou todas as fronteiras.

Chega a não se comprehender, e a reconhecer-se que nada ha mais verdadeiro que o inverosimil, chega a causar assombro, que a technica mais modelar, a mais assombrosa memoria, a intuição mais rara, o sentimento mais intenso e a mais prodigiosa virtuosidade se accumulam n'uma creancinha, cuja intelligencia parece dever ser ainda incipiente, e cujas mãos pequeninas nem se concebe que possam abranger as teclas, e deslizando sobre o piano, arranquem d'ellas sons divinos, em que fala a alma de Beethoven, de Back, de Paderwsk, de Shutt, como se todos elles viessem ali confiar ao teclado as suas inspirações formidaveis, as suas ardentes paixões, ou as suas dôres tremendas. Todas ellas se reflectem na alma eleita d'essa creança, que as comprehende todas e a todas reproduz sob os seus dedos infantis, que arrancam todas as vibrações do sentir humano.

Um bravo, um bravo prolongado, quente, entusiastico, como o que Miecio Horszowski arranca a todos os auditorios, em todos os paizes, é o que hoje lhe levantamos aqui, emocionados ainda deante das suas prodigiosas faculdades. Entre estas duas celebridades que honram os seus sexos, *chacune à sa place*, a mais espirituosa, a mais interessante, a mais bella comedia que nos ultimos annos tem ap-

parecido lá appareceu tambem no tablado do mesmo theatro, onde novidades e surpresas se succedem n'uma vertigem. *Os tres anabaptistas*, de Bisson e Turique, é d'aquellas que marcam epoca. Tem tanto imprevisito, tanto espirito, que plenamente se justifica a colaboração de dois na sua primorosa factura. Pois a essa torrente, a essa exuberancia deu relevo ainda o sr. Mello Barreto no apurado da traducção, portugueza de lei, correctissima e sobretudo feliz no encontro da phrase portugueza que correspondendo á original dá encanto e realce á graciosissima comedia.

Accresce que quando julgavamos exgotada a eterna *blague* franceza sobre o divorcio e os divorciados, surge uma peça da mesma procedencia tratando do mesmo assumpto, mas por uma fórma nova, mais original que todas as outras, de um brilho de dialogo, uma subtiliza de argumentação, um achado de situações, e uma variedade de figuras, que fazem d'esta comedia franceza, a nosso ver, uma obra prima da litteratura do theatro. Accrescente-se que interveem no desempenho actores como Augusto Rosa, Brazão, Alves, Pinheiro, Cabral, e actrizes como Lucilia, Adelina, Josepha, Laura Cruz, Cecilia Neves e outros artistas ainda, e reconhecer-se ha a justiça dos applausos do publico portuguez, que aliaz imita o de Paris, onde os *Tres anabaptistas* tiveram o mais ruidoso successo.

Deu-nos o **Gymnasio** uma comedia nova que Barbara Volckart escolheu para a sua festa. *Caramba* lhe chamou o sr. Camara Lima, na feliz e espirituosa imitação do original que tem sido o *plat du jour* n'estas noites do Gymnasio: E' uma *charge* de graça abundante, em que ha personagens de um comico irresistivel como a Jesuina, no papel da domadora e Barbara no do toureiro, e situações de desopilar todos os figados. Uma das originalidades d'esta comedia-farça é estar a acção do segundo acto presa á acção dos outros dois, e não serem os mesmos os personagens que n'elle entram.

Tem papeis impagaveis salientando-se o de Joaquim d'Almeida, Barbara, Jesuina Saraiva, aquelles que já citamos, Palmyra Torres e ainda outros. E' excellento desempenho do *Caramba*, em que entraram os melhores artistas do theatro, e em que os novos, Alegria, Laura Ruth e Simões Coelho, revelaram progressos e tambem contribuíram para o exito alcançado.

Nada de novo nos dão os outros theatros na quinzena decorrida. A *gata borralheira* continúa a miar todas as noites no **Avenida**, e o seu miar chama tanta gente, que o theatro é pequeno para a conter, na **Trindade** e no **Principe Real** as Revistas triumpham, as zarzuellas na **Rua dos Condes** põem uma nota nova, viva, esfuante nas noites pacatas de Lisboa, em **D. Maria** o *Nô cego* do sr. Lopes de Mendonça e a *Acósinha* do sr. Hyginio de Mendonça, mostram que n'aquelle theatro não é curto e é prospero o reinado dos Mendonças, e finalmente no **Colyseu dos Recreios** a vara magica de Antonio Santos continúa a descobrir todas os dias novidades e a encher todas as noites o vasto e afortunado circo.

JAYME VICTOR.



Mademoiselle Stefi Geyer. — Violinista (O Kubelick de saias)